

## amigos e personagens anarquistas de eugene o'neill

pietro ferrua\*

O assunto já foi tratado parcialmente em um artigo meu,<sup>1</sup> mas merece ser ampliado devido a preponderância de várias pessoas na vida do autor norte-americano. Surge, de imediato, um problema metodológico: qual critério adotar? A ordem cronológica seria interessante para o estudo da evolução literária e política de sua obra, mas não é fácil determinar em que momento todas as pessoas, a seguir mencionadas, entraram no campo visual, na imagem mental ou na intimidade de Eugene O'Neill. Sabemos, sim, que quem "converteu" O'Neill ao anarquismo foi Benjamin Tucker, mas não encontramos muitos traços da presença dele na obra teatral ou na vida particular do autor. Por outra parte, quem o levou à livraria anarquista não teria já semeado o terreno? Seguir o princípio da importância da pessoa também seria injusto: além da inevitável subjetividade da escolha, é difícil determinar uma relação entre o carinho que O'Neill tem para a pes-

\* Professor emérito do Lewis Clark College, Portland, fundador do CIRA (Centre International de Recherche sur l'Anarquisme), viveu no Brasil entre 1963 e 1969.

soa e o poder que a pessoa teve em sua imaginação. Isto poderia ser até inversamente proporcional aos encontros que ocorreram. O caso de Emma Goldman é típico: apesar de ser uma grande inspiradora para O'Neill, ainda não foi provado que eles tenham se encontrado pessoalmente, mesmo tendo vários amigos em comum e de que a presença deles coincidiu temporariamente em Rochester, New Jersey. Por via desta e outras dúvidas, e por não ter tido acesso aos arquivos de ambos, resolvi adotar a escolha da ordem alfabética dos nomes. Haverá muitos pormenores para guiar eventuais pesquisadores a estudar em profundidade cada caso, pois cada um deles merece uma tese. Digamos também, de antemão, que a lista não contém todos os anarquistas com quem O'Neill lidou, porém certamente aqueles que tiveram alguma influência particular.

### **Stella Ballantine Cominsky, 1886-1961**

Esposa de um conhecido ator teatral, se distinguiu nas primeiras peças de O'Neill estreadas na época do *Provincetown Theater*, em Rochester. Era também irmã de Saxe Commins (nome adaptado de Cominsky), datilógrafo, editor e amigo fiel até a morte. Filha de Lena Cominsky, irmã de Emma Goldman. Stella foi a sobrinha preferida de Emma, e quem conservou as cartas que a tia lhe escrevia desde a prisão, nos Estados Unidos, e mais tarde desde a União Soviética, o que permitiu que Emma Goldman, anos depois, escrevesse as próprias memórias.<sup>2</sup> A afeição entre tia e sobrinha era extraordinária. Emma escreve: "A mais radiante dos quatro [ filhos de Lena ] era a pequena Stella, que foi sempre meu raio de sol na cinza Rochester."<sup>3</sup> Stella começou a se corresponder com "Tante Emma" com a idade de sete anos. Tinha uma grande admiração pela tia, que seria confirmada pelos fatos quando, por exemplo, foi

Amigos e personagens anarquistas de Eugene O'Neill

interrogada pela polícia sobre a perigosa tia subversiva. Mais tarde Stella viveria com ela, em Nova Iorque, dizendo-lhe ter sido o sonho de toda sua vida. Além de ajudar a tia na redação da revista *Mother Earth*, Stella tornou-se, ela mesma, propagandista. Em algumas oportunidades começa a tomar a palavra em público, como na campanha contra o serviço militar, em 4 de julho de 1917, dia da festa nacional norte-americana. Basta dizer que no testamento Emma deixa sua coleção de livros, bem como sua fazenda de Ossining, para Stella. Enquanto Emma encontra-se presa, Stella lança o *Mother Earth Bulletin* em sua defesa.

Mas qual é a relação entre a devoção total de Stella por Emma e sua amizade e influência sobre Eugene O'Neill? Há muitas menções de Stella na correspondência de O'Neill com sua segunda mulher e com o amigo Saxe, irmão de Stella. Minha hipótese de trabalho é que a própria Stella, coadjuvada mais tarde pelo irmão Saxe, serviu de intermediária entre O'Neill e Emma Goldman, pois, apesar da enorme influência que Emma teve em sua obra teatral, por trás das personagens de Olga Tamiroff, na peça *The Personal Equation*, de Rosa Parritt, em *The Iceman Cometh* e de Rosa ou Francina Daniello, em *The Visit of Malatesta*, ninguém chegou a provar que eles jamais tivessem se encontrado, apesar de saberem um do outro e de coincidirem em Rochester alguma vez.<sup>4</sup> Considera-se que seu irmão Saxe, também íntimo do escritor, tenha-o informado sobre muitos acontecimentos, bem como Hippolyte Havel, que foi companheiro de vida de Emma durante algum tempo, mas, pela proximidade em Rochester e os contatos regulares, é lógico suspeitar que muitas confidências foram veiculadas por Stella. Há alguns fatos que são narrados nas memórias de Emma, *Living my Life*. Entretanto, o livro foi publicado muito depois destes fatos serem relatados nas peças de O'Neill, como é o caso da travessia do Atlântico de uma companheira anarquista fantasiada de

marinheiro, Mollie Steimer, e da história de Gertie Vose, mãe de um delator.

Agnes Boulton, segunda esposa de O'Neill, freqüentava quase exclusivamente Stella Ballantine e Terry Carlin quando seu marido viajava para as grandes cidades, e essas separações, às vezes, duravam semanas. Com eles falava durante horas e aprendia coisas que depois contava pessoalmente ao marido e, talvez, na correspondência diária que mantinham entre Rochester e Nova Iorque.

### **Alexandre Berkman, 1870-1936**

Há um único encontro documentado entre Berkman e O'Neill, e foram encontradas apenas três cartas de O'Neill a "Sasha". Seu conteúdo, porém, é suficiente para confirmar a admiração mútua.<sup>5</sup> Estas três cartas estão publicadas e tratam da tradução ao russo de algumas peças de O'Neill. Há também o comentário de que os russos teriam "roubado" três peças, sem que O'Neill reagisse, e ele igualmente nota, com ironia, que na União Soviética é considerado um escritor proletário. O escritor russo que interveio por O'Neill não é qualquer um, mas nada menos que Anatoly Lunatcharsky, então Ministro da Cultura. O'Neill pediu a Berkman que traduzisse ao russo sua peça *Lazarus Laughed*. Uma das outras peças "roubadas" seria *The Hairy Ape*, patrocinada nos Estados Unidos pela IWW. Supõe-se que a terceira peça fosse *The Personal Equation*, que trata de greves e discute estratégias políticas das várias esquerdas: a parlamentar, a reformista, a revolucionária. O'Neill, por demais, é um dos poucos intelectuais da esquerda norte-americana que sempre soube qual era a distinção entre as ideologias contrastantes da esquerda, por ter sido amigo de John Reed e de Louise Bryant, e ter lido relatos de Alexandre Berkman e Emma Goldman sobre a deriva autoritária da República dos Conselhos.

Amigos e personagens anarquistas de Eugene O'Neill

Na carta de 29 de janeiro de 1922,<sup>6</sup> além de sublinhar que está imensamente grato por Berkman aceitar fazer a tradução, rememora o único encontro deles uns anos atrás: “Sim, faz muito tempo desde aquela noite em Romany Marie.<sup>7</sup> Mas eu tenho certeza que você não se lembra de mim mais do que eu de você. Tenho uma nítida imagem na minha cabeça desse dia. Eu tinha uma profunda admiração por você durante anos e aquele encontro foi a realização de um desejo inesperado. E com relação à minha fama (Deus nos salve) e sua infâmia, eu trocaria boa parte da minha por um pouco da sua. Não é tão difícil escrever o que se sente como verdade. O difícil é viver isso!”<sup>8</sup>

Trata-se de um depoimento, certamente sincero, de um intelectual que já tinha se identificado como anarquista por meio da escrita sem, entretanto, nunca ter tido a coragem ou a iniciativa de recorrer ao tipo extremo de ação direta pela qual Berkman foi perseguido, não só pela justiça, mas também por aqueles anarquistas que achavam contraproducente o estilo de ação que ele praticava. Evidentemente, O'Neill não compartilhava deste preconceito.

### **Terry Carlin (Terence O'Corolan), 1855-1933<sup>9</sup>**

Pouco se sabe da vida deste irlandês, companheiro de bebedeira de Eugene O'Neill. Não deixou nenhum traço de existência nas crônicas judiciais — raros são os anarquistas que não tiveram nenhum processo ou não conheceram a prisão — nem nos anais literários. Portanto, bem antes de inspirar um dos personagens mais importantes do teatro de O'Neill, Larry Slade, em *The Iceman Cometh*, já tinha sido personagem literário de Mable Dodge, e protagonista de um romance de outro escritor anarquista conhecido, Hutchins Hapgood, em *The Anarchist Woman*. Ao

que se sabe Terry não escreveu nenhum livro nem realizou nenhum gesto extraordinário. Há somente menção a uma palestra no *Ferrer Center* de Nova Iorque, na sede em que morou durante algum tempo, e a algumas colaborações para os jornais de Tucker e de Havel.<sup>10</sup> Houve, porém, quem chegou a dizer que Terry foi quem mais influenciou O'Neill nas suas escolhas políticas, filosóficas e estéticas.<sup>11</sup>

O'Neill não só o celebrou como personagem, mas também demonstrou sua gratidão de maneira concreta. Junto com Hapgood e a própria irmã de Carlin, proveu durante anos a subsistência do velho amigo. Além de várias testemunhas disso, temos também um comprovante legal, uma carta que o escritor mandou a seu advogado, Harry Weinberg, que foi também advogado de Emma Goldman e de muitos anarquistas norte-americanos. Na carta, O'Neill expressa sua decisão de aumentar a pensão mensal que estava encarregado de pagar a Terry com o dinheiro da cobrança de seus direitos autorais. Datada de 11 de junho de 1933,<sup>12</sup> eis seu conteúdo parcial: “Por mim tudo bem os 15 a mais para o Terry. Tenho pensado muito nele. O ideal para ele — cá entre nós, pelo que sei ele ficaria ofendido com a sugestão — seria uma casa — não caridade, mas um lugar decente que eu pudesse pagar um valor razoável e saberia que ele estaria sendo bem cuidado...”<sup>13</sup>

Terry trabalhou, quando jovem, como curtidor de peles, e foi também inventor. Certo dia brigou com seu chefe e nunca mais quis trabalhar. Tornou-se um parasita social, talvez genial, como o foram o “Nouveau de Rameau”, de Diderot e o “Nouveau de Wittgenstein”, de Thomas Bernhard. A intuição de Carlin consistiu sobretudo em entrever o gênio de O'Neill, inspirá-lo e empurrá-lo a superar-se a si mesmo. As conversas nietzschanas, antes, durante e depois de farras interminá-

## verve

Amigos e personagens anarquistas de Eugene O'Neill

veis, formarão parte dos diálogos de *The Iceman Cometh* e de outras peças também.

Na correspondência entre Agnes Boulton e O'Neill, durante suas ausências periódicas de Rochester, há inúmeras menções a Terry Carlin: veio ler os jornais, brincou com a criança, acompanhou-a em festas, aconselhou isso e aquilo. Terry viveu num quarto de despejo que a família O'Neill lhe forneceu, comia com eles, compartilhava tudo. Se às vezes atrapalhava ou impedia a intimidade do casal, as queixas eram passageiras e jamais houve uma briga. O que ficou dele nas lembranças de quem o conheceu e teceu algum comentário, foi a grande capacidade de beber, mas também a grande disponibilidade e a insistência com a qual empurrava O'Neill para que escrevesse, publicasse, se impusesse. Foi Carlin quem levou O'Neill à casa de Hutchins Hapgood, primeiro leitor em voz alta das peças do futuro Prêmio Pulitzer. Nesta casa nasceu o *Provincetown Theater*, que no começo se chamava *Wharfhouse Theater*.

Na peça *The Iceman Cometh*, transformado em Larry Slade, Terry Carlin se impõe até o fim com sua forte personalidade. Sua figura domina a peça com seu cinismo, seu egoísmo, sua brutalidade de linguagem e de pensamento, mas também com sua lucidez e sua inteligência. Foi assim que o autor criou uma das personagens mais poderosas de sua obra.

### **Saxe Commins (pseudônimo de Isidore Cominsky), 1891-1958**

Irmão de Stella Ballantine e sobrinho de Emma Goldman, entrou na vida de O'Neill como dentista. Não somente o tratou sem cobrar por isso, como também o hospedou durante duas semanas em sua casa, onde conheceu toda a família, da qual conservou uma lembran-

ça imperecível. Estrearam juntos as primeiras peças em Rochester, no *Provincetown Theater*. Saxe se tornaria seu grande amigo e confidente. Foi também seu editor, na *Random House*, onde também cuidou de autores famosos, como William Faulkner, W.H. Auden, Isaak Dinesen (Karen Blixen), Sinclair Lewis, Irvin Shaw. Também lecionou na prestigiosa *Columbia University*, onde se tornou amigo de Albert Einstein.

Não foi só o sobrinho predileto de Emma Goldman, mas também, durante algum tempo, redator de *The Mother Earth*. Quando O'Neill, nas vésperas da Segunda Guerra Mundial, começou a escrever *The Visit of Malatesta*, foi a Saxe a quem se dirigiu para que lhe procurasse velhas publicações anarquistas, para documentação, pois sua coleção ficara nas Bermudas, aonde não retornara depois da separação de Agnes Boulton, sem nunca recuperá-la.

Os dois amigos se afastaram devido a um desentendimento de Saxe com a terceira esposa de Eugene, Carlotta Monterey. O'Neill era psicologicamente dependente dela, e Carlotta aproveitou o fato para isolá-lo sempre mais, até afastá-lo dos amigos de juventude, segundo ela todos anarquistas e parasitas.

A viúva de Saxe, Dorothy Commins, pianista e escritora, reuniu parte da correspondência trocada entre os dois amigos, o que resultou no livro *Love and Admiration and Respect*. Este título derivou da dedicatória que O'Neill lhe autografou na cópia da peça *The Iceman Cometh*, quando foi publicada.

Cabe lembrar que o próprio Saxe datilografou o manuscrito e pediu à esposa que compusesse a música de cena para a estréia.

Quem tentou salvar O'Neill das garras de Carlotta Monterey, enloquecida no fim da vida, foi o casal Commins.



Amigos e personagens anarquistas de Eugene O'Neill

Foi a eles que O'Neill se dirigiu quando precisou de ajuda. Foram eles que cuidaram de sua saúde, de seus negócios e até de explicar para Oona O'Neill Chaplin que Carlotta era culpada de esconder suas cartas ao pai e de destruir muito da correspondência vinda dos amigos do passado. Carlotta escondera também a correspondência de Eugene Jr., filho do primeiro casamento de O'Neill, fato que precipitou uma tragédia, pois Eugene Jr. pedira a O'Neill que o ajudasse a pagar uma prestação de hipoteca e nunca obteve resposta, o que o levou ao suicídio.

Em outro livro<sup>14</sup> Dorothy prova que O'Neill foi ligado durante toda sua vida a Saxe, não só por gratidão, mas por profunda amizade. Eis dois trechos significativos: "Tenha certeza e venha! Vê-lo outra vez valeria mais que um oceano de remédios."<sup>15</sup> e, em 2 de março de 1941: "Venha se puder. Será um ato de caridade, seria um favor para nós tê-lo aqui."<sup>16</sup> O último encontro documentado entre Saxe, Dorothy e Eugene aconteceu em 16 de maio de 1951, depois do afastamento provocado por Carlotta, e pouco antes da morte de Saxe.

### **Dorothy Day, 1897-1980**

Nos anos da vida boêmia em Nova Iorque, Dorothy e Eugene faziam parte do mesmo grupo de farristas e notívagos. Algumas fontes<sup>17</sup> reportam que Eugene estava apaixonado por ela, outras,<sup>18</sup> que teria sido ela quem tentara seduzi-lo. Dorothy escreve que ele a cortejou e ela o recusou.<sup>19</sup> Ao que parece, nunca houve uma relação sexual entre eles, mas resta a possibilidade de um amor "platônico" e a certeza de uma grande amizade e estima mútuas. Passaram várias noites no mesmo quarto e até na mesma cama, vestidos, com ou sem testemunhas, e, invariavelmente, ambos bêbados.

Dorothy acabou vivendo com outro anarquista, Forster Betterham, com quem teve uma filha. Mantiveram uma união livre, até Dorothy converter-se ao catolicismo. Uma forma particular de catolicismo, embebida de anarquismo, cujas origens filosóficas se encontram no pensamento de Emmanuel Mounier, teórico do personalismo e diretor da revista francesa *Esprit*. O mediador foi Peter Maurin (Pierre Maurin), fundador, com ela, do movimento conhecido como *Catholic Worker*. Estranha combinação entre catolicismo e anarquismo,<sup>20</sup> este movimento, que ainda continua ativo apesar do falecimento de seus fundadores, publica um jornal mensal no qual coexistem retratos de santos ao lado de retratos de Sacco e Vanzetti e de Kropotkin. Compreende também uma rede de “Casas de Hospitalidade”, onde qualquer um — vagabundos, desempregados, foragidos, prostitutas, drogados — que precise de um banho, um prato de sopa, uma cama ou uma palavra de conforto, é bem-vindo. Os membros do movimento, entre os quais padres e freiras que se definem anarquistas, vivem pobremente, em comunidade e recusam o pagamento de impostos, a prestação do serviço militar e a obediência ao Estado.

Paradoxalmente, alguns biógrafos atribuem a conversão de Dorothy Day, do anarquismo ateu ao anarquismo católico, à leitura pública e inspirada que Eugene O’Neill, ateu militante que, entretanto, escreveu várias peças de conteúdo religioso, fez do poema *The Hound of Haven*, de Francis Thompson. Dorothy Day escreveu e publicou vários livros de memórias, e em cada um lembra sua amizade com o dramaturgo. Inclusive revela que Eugene O’Neill, Max Bodenheim e ela escreveram juntos um poema em 1918, no *Jimmy Wallace’s Saloon*, que foi destruído num incêndio. Acontecimento interessante, pois anterior ao mesmo jogo conhecido como *le cadavre exquis*, praticado pelos surrealistas franceses a partir de 1924.

**Mabel Dodge, 1879-1962**

Mabel nasceu Ganson, tornou-se Evans com o primeiro casamento, Dodge em 1905. Com o terceiro marido passou a se chamar Sterne e, em 1923, após o quarto casamento, Lujan. O nome foi modificado para Luhan, e hoje, nos anais literários e nos livros de referência, é mais conhecida com o nome composto de Mabel Dodge-Luhan.

No meio anarquista tornou-se conhecida graças ao salão literário que abriu no *Greenwich Village* de Nova Iorque, por volta de 1912. Nas reuniões semanais das quartas-feiras estão geralmente presentes Margaret Sanger, Hutchins Hapgood e Emma Goldman, entre outros. Mabel organiza grandes manifestações de protesto por razões sindicais — a famosa greve de Paterson de 1913 —, mas também está interessada nas vanguardas artísticas, e apóia o *Armory Show*, que teve uma repercussão enorme na cultura norte-americana do começo do século XX. Em 1913 dedica o poema *My beloved* ao anarquista Hutchins Hapgood, e Emma Goldman o publica em sua revista *Mother Earth*.

Eugene O'Neill conheceu e freqüentou Mabel quando era a companheira de John Reed, antes deste se tornar amante de Louise Bryant, com quem Reed mais tarde se casaria, e com quem O'Neill teve um romance.

Mabel Dodge foi provavelmente apresentada a Eugene O'Neill por Terry Carlin, que ela adorava, e a respeito de quem também escreveu em seus livros. Em Rochester, fazia parte do grupo que animava o *Provincetown Theater*, onde peças de Saxe Commins, de O'Neill, de Hapgood, dela mesma e de outros foram estreadas.

Intelectual aclamada, tornou-se personagem literária de vários autores, dos quais o mais importante foi D.H. Lawrence, que a introduziu no *The Plumed Serpent* e em *St.Maurant. The Man who Died*. Carl van Vechten também

a retratou no romance *Peter Whiffle: His Life and Works*, no qual se transforma na personagem de Edith Dale. Mabel alimentou também a figura de Mary Kettridge, no romance *Venture*, de Max Eastman. Enfim, Jacques-Emile Blanche a apresenta como Giselle, no romance *Aymeris*, e o mesmo autor, também pintor, fez um retrato seu em 1911. Dela há vários retratos artísticos fotográficos, como o de Gertrude Stein.

No acervo da Biblioteca Beinecke, da Universidade de Yale, encontram-se onze cartas de Alexandre Berkman, cinco de Emma Goldman, 278 escritas por Hutchins Hapgood e sua esposa, Neith Boyce, mas, infelizmente, só duas de Eugene O'Neill. A coleção não é completa devido ao ciúme retrospectivo de um dos maridos de Mabel, Sterne, que queimou a maior parte de sua correspondência, sempre que fosse de proveniência masculina "suspeita".

Eugene O'Neill, depois de se casar com Agnes Boulton, foi viver na casa que pertencera a Mabel Dodge, e que o pai de O'Neill, ator famoso, comprou para o filho e sua família. As relações entre Mabel Dodge e O'Neill parecem ter enfraquecido quando ela saiu de Rochester e se estabeleceu no Novo México, interessando-se por tradições dos indígenas norte-americanos. Então também O'Neill parte para as Bermudas, suas atividades teatrais se multiplicam e ele se isola sempre mais.

### **Christine Ell (Hovden) (Lewis)<sup>21</sup>**

Talvez devido a sua infância infeliz — durante a qual foi explorada, maltratada e seduzida —, sabe-se pouco da vida de Christine. Ao chegar aos Estados Unidos, há quem diga que trabalhou nos campos, ou quem diga que viveu entre as prostitutas. Estava à beira do desespero quando, em Denver, foi escutar uma palestra de Emma Goldman que a deixou entusiasmada. Apresentou-se à conferen-

Amigos e personagens anarquistas de Eugene O'Neill

cista e contou-lhe a própria vida. Além de lhe explicar o anarquismo, Emma ensinou-lhe também algo sobre a dignidade de ser mulher. Emma convidou-a a se estabelecer em Nova Iorque, onde não só Christine se reerguera, como também encontrara logo trabalho, no restaurante de Polly Holliday, como cozinheira. Logo tornou-se gerente de um restaurante que George Cram Cook, muito ligado a O'Neill, abriu no segundo andar do *Provincetown Playhouse*. Foi ali que Eugene encontrou Christine, primeiro como freguês, depois como amigo e até admirador — chegou a chamá-la de “Cristo fêmea”. Quem também admirava Christine era Charlie Chaplin, freqüentador dos mesmos locais, que achava que ela tinha grandes qualidades mímicas.

O'Neill a imortalizou na personagem de Anna Christopherson, dita Anna Christine, que teve um enorme sucesso teatral e também cinematográfico. Segundo um biógrafo,<sup>22</sup> ela também inspirou as personagens de Josie Hogan, em *A Moon for the Misbegotten* e de Cybel, em *The Great Good Brown*. O'Neill teve um breve caso com Christine, que o apresentou a Agnes Boulton, com quem veio a se casar depois de seis meses.

### **Mary Eleanor Fitzgerald, “Fitzi”, 1877-1955**

Eugene tinha uma grande confiança na capacidade artística e organizativa desta conhecida militante anarquista quando ela assumiu a responsabilidade do *Provincetown Theater*, em Rochester. Fitzi foi companheira de vida de Alexandre Berkman, administradora de *Mother Earth*, amiga, correspondente e confidente de Emma Goldman. Nos arquivos de Fitzi, depositados na biblioteca da Universidade de Wisconsin, em Madison, encontram-se numerosas cartas de Emma Goldman, Ben Reitman, Alexandre Berkman, Eugene O'Neill, bem como os programas do grupo teatral da *Provincetown Playhou-*

se, dirigido por William Cram Cook. Fitzi e Stella Ballantine conservaram cuidadosamente todas as cartas que Emma Goldman lhes escrevia desde a prisão nos Estados Unidos, ou desde a Rússia, depois da expulsão decretada pelas autoridades norte-americanas. Isto permitiu que Fitzi escrevesse suas memórias, o que acabou de fazer em Saint-Tropez, em 1931.

Fitzi foi também co-editora do jornal anarquista *The Blast*, lançado em San Francisco por Berkman. Depois que a publicação foi proibida, Fitzi volta a Nova Iorque, onde participa ativamente na *Liga contra a conscrição para a guerra* e, logo em seguida, é nomeada secretária da *Liga para a anistia*, em favor dos presos políticos.

Quando começa a trabalhar para a companhia teatral de Rochester, ainda participa ativamente na campanha para salvar Bill Mooney da cadeira elétrica.

Fitzi teria gostado de visitar Alexandre Berkman e Emma Goldman na União Soviética, mas as autoridades norte-americanas lhe recusaram o passaporte. Quando finalmente o obtém, eles já estão exilados. O encontro acontece então em Londres, para onde Fitzi levou a peça de O'Neill, *Emperor Jones*, com o ator negro Paul Robeson como protagonista. Grande organizadora em qualquer empreendimento, Fitzi contribuiu muito para a divulgação do teatro de O'Neill. Quando ele não queria assistir aos ensaios de suas peças, delegava a ela tomar todas as decisões. Essa bela e grande amizade acabou quando O'Neill se casou com Carlotta, pois Fitzi, sendo muito amiga da abandonada Agnes, não mandou votos na ocasião desse seu terceiro casamento. Muitos anos depois, porém, quando Fitzi ficou hospitalizada, telefonou para O'Neill, pedindo-lhe ajuda para financiar uma operação, e ele en-

Amigos e personagens anarquistas de Eugene O'Neill

viu imediatamente um cheque para cobrir as despesas.

### **Emma Goldman, 1869-1940**

Até hoje não encontrei nenhuma prova de relações pessoais entre Emma Goldman e O'Neill, apesar de terem coincidido algumas vezes nos mesmos lugares, por exemplo, na cidade de Rochester, onde residiam as irmãs de Emma com toda a família. Sabemos, porém, que O'Neill conhecia a obra escrita de Emma, que ela publicou uma poesia dele na revista *Mother Earth*, e também que Emma fez palestras sobre o teatro de Eugene.

O'Neill estava a par de tudo o que se dizia a respeito de Emma, por intermédio de Stella Ballantine, Mary Eleanor Fitzgerald, Hippolyte Havel, Saxe Commins e alguns outros que a freqüentavam assiduamente.

Emma inspirou a O'Neill três dos retratos femininos mais empolgantes de sua obra. O distanciamento criou, porém, uma idealização da revolucionária russa. O'Neill construiu o mito da mulher anarquista que nem sempre corresponde nem à vida nem ao pensamento de Goldman. Na primeira das três peças anarquistas que O'Neill concebeu, *The Personal Equation*, a personagem de Olga Tamiroff representa só em parte a personalidade da anarquista admirada pelo autor. Há, por exemplo, uma mistura de acontecimentos: Olga que se fantasia de marinheiro para poder viajar com a tripulação de um navio, poderia ter sido inspirada por um acontecimento autêntico, mas que ocorreu não com Emma Goldman e sim com Mollie Steimer, também judia, russa e anarquista, mas bem mais jovem. Emma teve tempo de conhecê-la e de admirá-la, e fala dela em suas memórias. O'Neill já ti-

nha escrito a peça quando foi publicado *Living My Life*, mas, como disse acima, não faltavam intermediários, amigos comuns anarquistas que mantivessem o dramaturgo em dia sobre o que acontecia nos bastidores do movimento anarquista de Nova Iorque.

A mãe de Don Parritt, no *The Iceman Cometh*, tampouco corresponde à figura de Goldman. Gertie Vose,<sup>23</sup> que a inspirou, foi, sim, uma anarquista conhecida naquele tempo, mas Emma a denunciou abertamente como “traidora”, por ter permitido que o filho se insinuasse nos ambientes anarquistas de Nova Iorque, a serviço da polícia, para ajudar a justiça a prender dois companheiros foragidos, suspeitos de terem ajudado os irmãos McNamara a cumprir um atentado contra a sede do *Los Angeles Times*.

Finalmente, na peça nunca concluída, *The Visit of Malatesta*, há também uma personagem que tem traços de Emma Goldman, porém muitos outros que em nada se aproximam dela...

Minha conclusão é que O’Neill, que conheceu muitas mulheres anarquistas, fundiu as qualidades de todas e criou uma figura arquetípica, que toma algo da realidade para fabricar um mito que a supera e que, graças a seu gênio artístico, se sobrepõe a ela. Nas notas e cadernos de O’Neill encontram-se as abreviações “E.G.”. É uma pista que deve ser seguida, e pelo menos um autor a examinou em profundidade, antes de mim, pesquisando o assunto para uma tese de doutorado, publicada por Virgínia Floyd.<sup>24</sup> A tese também conclui que: a) E. G. não pode ser senão Emma Goldman; b) não há prova de que os dois autores tenham se encontrado na vida real, e c) Goldman não foi senão a maior fonte de inspiração.



**Hutchins Hapgood, 1869 - 1944**

Anarquista tostoiano muito ligado a O'Neill. Compartilharam amizade e admiração pelo anarco-individualista stirneriano irlandês Terry Carlin, e constituíram um fundo comum para ajudá-lo financeiramente até a morte, com contribuições de três pessoas, que se saiba: a irmã de Carlin, Hapgood e O'Neill. Hapgood foi muito determinante para a carreira teatral do futuro Prêmio Nobel. De fato, foi na casa dos Hapgood em Rochester que nasceu a companhia do *Provincetown Theater*, que no início se chamava *Wharfhouse Theater*. Esse grupo contava com a adesão, entre outros, de Neith Boyce, George Cram Cook, Susan Gaspell, John Reed, e foi o próprio Hapgood quem leu em voz alta a primeira peça de O'Neill, a pedido de Terry Carlin, que se gabava de conhecer alguém que tinha uma mala cheia de manuscritos de peças inéditas.

Hutchins Hapgood já tinha escolhido a figura de Terry como personagem importante de seu romance *An Anarchist Woman*, e confiou no julgamento de Carlin. Assim nasceu a fama de O'Neill, que muito rapidamente superou à dos outros membros do grupo teatral. Em poucos anos, a companhia foi de Rochester para a grande metrópole e do *Provincetown* para o *Greenwich Village*, de onde, para chegar à Broadway, bastava só um passo, que foi velozmente cumprido. O'Neill não tardou a ganhar uma série de prêmios Pulitzer e se impôs na vida artística e intelectual do país como o dramaturgo mais original do teatro norte-americano.

Hutchins Hapgood foi muito ativo na comunidade anarquista de origem hebraica, no movimento anarco-sindicalista e na Associação Francisco Ferrer. Colaborou nas causas de Emma Goldman, e inclusive se desligou do Clube Liberal, porque seu diretório não queria aceitar a revolucionária russa entre seus membros.

De Nova Iorque, O'Neill escreveu em uma carta a sua segunda mulher, Agnes Boulton, em 12 de janeiro de 1911: "Aprendi a gostar de Hutchins. Ele é ótimo."<sup>25</sup>

Além de se encontrarem amiúde em Rochester, Hapgood e O'Neill freqüentavam os mesmos locais em Nova Iorque — *Hell Hole, Polly's, Romany Marie* —, e os mesmos amigos — Terry Carlin, Hippolyte Havel, Christine Ell, entre outros. Teria sido Hutchins quem mandara o dinheiro da viagem de volta para Terry Carlin, quando este se encontrava na Inglaterra, e que o apresentou a O'Neill.

No livro *A Victorian in the Modern World*, encontram-se várias fotografias de Hapgood com Hippolyte Havel, com Carlin e uma com O'Neill — e seu filho Shane —, com John Reed e com Ernest Hemingway. Além dos dois títulos já mencionados, Hapgood escreveu e publicou outros livros: *The Spirit of the Ghetto, Types from City Streets, The Autobiography of a Thief, The Spirit of Labor, Fire and Revolution, The Story of a Lover* etc. Foi também colaborador do semanário anarquista *Freie Arbeiter Stimme* — um jornal em idish com difusão de 7.000 cópias, que circulou por quase um século — e da publicação mensal *Freigesellschaft*.

### **Hippolyte Havel, 1871 - 1950**

Anarquista checo, que Emma Goldman conheceu em Paris e por quem ela se apaixonou. Foi ela que o trouxe aos Estados Unidos. Já ativo na Europa, com uma longa história de processos, continuou militando no movimento norte-americano como colaborador das publicações existentes — *Mother Earth, Open Vistas, Man!, Freedom* —, ou como fundador de algumas, tais como: *Revolutionary Almanac, Social War, Free Society, Anarchist Soviet Bulletin* etc. Editou obras de Emma Goldman, Voltairine

Amigos e personagens anarquistas de Eugene O'Neill

de Cleyre, Errico Malatesta, Bakunin etc. Fez parte da seção americana da Comissão Internacional de Relações Anarquistas. Ocupou-se da *Labadie Collection*, fundada por Agnes Ingles e arquivada na biblioteca de pesquisas da Universidade de Michigan, em Ann Arbor. Ali há notas autográficas que comentam suas visitas em 1929, e duas cartas — de 20 de outubro de 1935 e de 5 de abril de 1943 — de Agnes Ingles para Havel, pedindo-lhe informações biográficas.

O que se sabe de Havel não corresponde necessariamente ao retrato que dele traça O'Neill em *The Iceman Cometh*. Porém, em primeiro lugar, uma peça teatral ou uma obra literária não podem ser consideradas documentos históricos fiáveis e, em segundo lugar, as pessoas mudam. O Hugo Kalman da peça talvez se assemelhe ao Havel de 1913 a 1916, quando o autor freqüentava o assim dito *Hell Hole*. Que Havel bebia demais, na época, é conhecido. Os biógrafos de O'Neill relatam uma conversa entre ele e Dorothy Day a propósito de Havel, que ela julga ser um parasita e um vagabundo. O'Neill o defende, e não é o único. O escritor Theodore Dreiser é da opinião de que uma pessoa como Havel teria que ser ajudada pela comunidade devido à impossibilidade de defender a si mesmo. Fotografias da época mostram Havel junto a Hapgood, a Hemingway, a O'Neill, vestido limpamente, ativo, normal, e não caricatural, como na peça. A conclusão poderia ser que O'Neill o acolheu no auge de uma crise, provocada provavelmente por motivos sentimentais, ou talvez, também, Havel tivesse uma dupla personalidade. Na vida real, qualquer que fosse a crise, ele deve tê-la superado, pois viveu ainda cerca de trinta anos, continuando a divulgar o anarquismo.

Não confundamos, portanto, arte e realidade, e convençamo-nos que, ainda não retratado de maneira lisonjeira, o Kalman-Havel preencheu um papel delicado, an-

tipático talvez, porém importante no equilíbrio da peça. Como já foi dito no artigo anterior,<sup>26</sup> a atmosfera negatísta da peça não é senão um estratagema teatral.

### **Benjamin Tucker, 1854-1939**

Cronologicamente, foi um dos primeiros anarquistas com quem O'Neill cruzou em seu caminho durante a juventude. Sua vida intelectual mudou a partir do dia em que pôs os pés na loja *The Unique Bookshop*. O título do sebo não deve induzir a pensar que o adjetivo "único" seja necessária e exclusivamente uma referência ao *Único* de Max Stirner. A palavra pode ser também uma alusão à singularidade, à raridade. Tucker não foi exatamente um anarco-individualista ortodoxo: acreditava na sociabilidade. Apesar de não violento, foi aberto a todas as escolas do anarquismo e, na livraria ou em suas revistas, sempre convidou partidários de todas as tendências do anarquismo para que se expressassem, e sempre os comentou. Tomou posição em favor de Walt Whitman, então vilipendiado e de Oscar Wilde, recém processado. Se correspondeu com George Bernard Shaw, e fez conhecer sua obra nos Estados Unidos.

Os biógrafos de O'Neill insistem sobre o fato de que os grandes descobrimentos do futuro autor teatral foram Nietzsche e Stirner, o que é parcialmente confirmado pelas discussões com Terry Carlin e Saxe Commins. A própria Agnes Boulton, em suas memórias,<sup>27</sup> confirma que O'Neill lia muito Nietzsche. Isso não me convence totalmente, pois, se assim fosse, onde teria encontrado os argumentos da primeira peça anarquista que escreveu, naquela época? Trata-se de *The Personal Equation*. Não são idéias nietzscheanas ou stirnerianas os argumentos expostos na peça, mas argumentos sindicalistas revolucionários. Assuntos como

## verve

Amigos e personagens anarquistas de Eugene O'Neill

sabotagem, greve, ação direta, propaganda pelo fato, anti-militarismo, luta de classe, união livre etc., que indicam conhecimentos mais pormenorizados do que aqueles que a crítica oficial nos oferece. Que O'Neill tenha começado a escrever — ainda que bem mais tarde mas nesse mesmo espírito — uma peça sobre Malatesta<sup>28</sup> é significativo.

Não só não se trata de um individualista stirneriano, como também de um anarco-comunista que aceita a violência revolucionária.

Quando, em 1937,<sup>29</sup> O'Neill pede a Saxe Commins que lhe procure obras anarquistas — que ele quase certamente tinha quando se mudou para as Bermudas, mas que jamais recuperou, depois de deixar a casa para Agnes Boulton e os dois filhos —, não se expressa de maneira vaga, mas menciona alguns nomes: Bakunin, Kropotkin, Goldman. E esclarece seu intuito, “ou qualquer livro de Emma.”<sup>30</sup> Depois explica: “Talvez eu mande um de meus personagens do Ciclo trazer para ele uma sociedade ideal que seria parecida com o Anarquismo ou Sindicalismo.”<sup>31</sup>

\* \* \*

Esta galeria de amigos e personagens anarquistas não é, naturalmente, completa. Dela ficaram excluídas pessoas cuja adesão ao anarquismo foi episódica, ou não pôde ser suficientemente pesquisada por falta de documentação. Entre as omissões importantes há a das seguintes pessoas:

*George Bellows*, com quem Eugene compartilhou um quarto, nos anos de juventude, e que quis pintar seu retrato, mas não conseguiu pois a morte sobreveio quan-

do recebeu a autorização; *Maxwell Bodenheim*, poeta libertário e companheiro de farra; *Neith Boyce*, a inteligente e talentosa companheira de Hutchins Hapgood; *Louise Bryant*, amante de O'Neill, esposa de John Reed, amiga de Emma Goldman; *Dorothy Commins*, esposa de Saxe, compôs música para as peças de O'Neill; *George Cram Cook*, autor do "Hino de batalha dos trabalhadores"; *Theodore Dreiser*, famoso romancista, freqüentador dos mesmos grupos; *Joe Driscoll*, que documentou O'Neill sobre a greve dos portuários de Liverpool; Susan Glaspell, membro da equipe do *Provincetown Theater*; *Sadakichi Hartaman*, ligado à boemia anarquista e às vanguardas artísticas; *Louis Holladay*, que inspirou parcialmente a O'Neill a personagem de Don Parritt; *Polly Holladay*, companheira de vida de Hippolyte Havel e irmã de Louis; *Louis Kantor*, Kalonyne, autor das primeiras críticas das peças de O'Neill; *Manuel Komroff*, co-fundador do *Centro Ferrer* e um dos editores de O'Neill; *Joseph James Martin*, que introduziu O'Neill na problemática anarcosindicalista; *John Reed*, comunista, mas também membro do sindicato IWW, e que apoiou muitas campanhas anarquistas, anti-militaristas, progressistas; *Marie Yuster*, conhecida como "Romany Marie", ou Mrs. Marchand, uma cigana que na sua casa de chá dava comida e bebida fiado para todos, inclusive O'Neill, ativa em muitas causas anarquistas, gerente da Escola de Arte do *Centro Ferrer* de Nova Iorque. Foi ela quem apresentou Ariel a Will Durant, encontro que acabou em casamento. E outros mais.

Durante toda sua vida, O'Neill esteve rodeado de companheiros anarquistas, e o progressivo afastamento da maioria deles foi devido a sua terceira esposa, essencialmente uma burguesa, mas sobretudo uma mulher de um psiquismo instável, ciumenta e possessiva, controladora e dominadora, que o castrou intelectual e ar-

Amigos e personagens anarquistas de Eugene O'Neill

tisticamente nos últimos, agitados, dez anos de sua vida, durante os quais houve entre eles uma alternância de separações e reconciliações.

Segundo os biógrafos, foi ela a razão principal do repúdio dos filhos, com as graves conseqüências conhecidas. O'Neill, apesar ou devido à sua genialidade, tinha um ponto fraco, o sexo, diante do qual sucumbia totalmente. Poderia ter reagido — e o fez, em algumas circunstâncias —, mas a tragédia do alcoolismo, das drogas e do suicídio no seio do círculo familiar, assim como entre os amigos íntimos, fizeram com que não soubesse reagir, senão por meio da sublimação artística. Quem sabe se sem isso sua vida, pior, sua obra, não teria sido totalmente banal... São assim as coisas, e não como nós, leitores, espectadores, companheiros de ideal, gostaríamos que pudessem ter sido. A glória tem seus custos imprevisíveis.

### Notas

<sup>1</sup> Pietro Ferrua. "Anarquismo na vida e na obra de Eugene O'Neill", in *Verve*, 7. São Paulo, PEPGCS-PUC/SP, Nu-Sol, 2005, pp. 226-243.

<sup>2</sup> Emma Goldman. *Living My Life*. New York, Knopf, 1934. Escrito na França, numa casa em Saint-Tropez financiada por Peggy Guggenheim.

<sup>3</sup> "The most radiant of the four [Lena's children] was little Stella, who had always been my sunbeam in grey Rochester." Todos os trechos com transcrições no original foram traduzidos do inglês por Andre Degenszajn.

<sup>4</sup> Além de visitar a família várias vezes, ela residiu durante um mês em Rochester, quando saiu da prisão. Em suas memórias, menciona uma dúzia de nomes de companheiros e simpatizantes que faziam parte do grupo de O'Neill. Faltam só os nomes dele, da esposa e de Terry Carlin.

<sup>5</sup> A três cartas de O'Neill a Berkman se encontram nos arquivos do Instituto Internacional de História Social, em Amsterdã, enquanto o restante da correspondência de O'Neill está distribuída em 35 bibliotecas norte-americanas e em uma biblioteca nas Bermudas, onde O'Neill viveu alguns anos.

<sup>6</sup> Ver Eugene O'Neill. *Selected Letters of Eugene O'Neill* Travis Bogard e Jackson B. Bryer (org.). New Haven/Londres, Yale University Press, 1988, pp. 232-33.

<sup>7</sup> "Romany Marie" era o nome de uma casa de chá onde se reuniam os anarquistas, no Greenwich Village. O nome vinha do pseudônimo da gerente, Marie Yuster, uma cigana anarquista, que foi casada com um tal de Marchand. Ela foi gerente da escola de Arte do Centro Francisco Ferrer de Nova York, onde ensinaram ou estudaram artistas famosos, como Robert Henri, George Bellows, Joan Sloan, Marcel Duchamp, Man Ray etc.

<sup>8</sup> "Yes, it was a long time since that night at Romany Marie. But I am quite sure that you don't remember me better than I do you. I have a very clear picture of in mind to this day. I had a very deep admiration for you for years, and that meeting was sort of an unexpected wish fulfillment. As for my fame (God help us!) and your infame, I would be willing to exchange a good deal of mine for a bit of yours. It is not so hard to write what one feels as truth. It is damned hard to live it!"

<sup>9</sup> Segundo Paul Avrich, sempre muito documentado, a data do falecimento seria 1934. Ver também a nota seguinte.

<sup>10</sup> Em *Anarchist Voices. An Oral History of Anarchism in America*. Princeton, N.J., Princeton University Press, 1994, o autor menciona algumas colaborações de Terry Carlin publicadas no periódico anarquista de Tucker, *Liberty*, e no de Hippolyte Havel, *Revolt*.

<sup>11</sup> Arthur & Barbara Gelb. *O'Neill*. New York, Harper & Brothers, 1962, p. 286.

<sup>12</sup> Ver O'Neill, 1988, op. cit., pp. 415-416.

<sup>13</sup> "The extra 15 for Terry is okay with me. I've been thinking about him a lot. The ideal thing for him – between us, for I know he'd be offended by the suggestion – would be a Home – not charity but a decent place where I could pay a reasonable amount monthly and know he was getting real care..."

<sup>14</sup> Dorothy Commins. *What is an Editor? Saxe Commins at Work*. Chicago/London, Chicago University Press, 1978.

<sup>15</sup> "Be sure and comel Seeing you again would be worth more than an ocean of medecine." Dorothy Commins, 1978, op. cit., p. 188.

<sup>16</sup> "Come out if you possibly can. It will be a chariytable act, a boon to us to have you here." Idem, p. 196.

<sup>17</sup> Ver Gelb, 1962, op.cit., pp. 358-362.

<sup>18</sup> Agnes Boulton, *Part of a Long Story*. Garden City, Doubleday, 1958.

<sup>19</sup> E.G. and E.G.O. : EMMA GOLDMAN AND "The Iceman Cometh" by Wini-fried L.Frazer (Gainesville: The University Presses of Florida, 1974).



Amigos e personagens anarquistas de Eugene O'Neill

<sup>20</sup> Mantive correspondência, durante os anos 50 e 60, com um deles, Ammon Hennacy, autor de *Autobiography of a Catholic Anarchist*. New York, Catholic Worker Books, 1954, que pretendia ser mais anarquista do que os anarquistas tradicionais, pois, por exemplo, recusava-se a pagar impostos ao Estado.

<sup>21</sup> Nascida na Dinamarca ou na Suécia, cresceu na Inglaterra e emigrou para os Estados Unidos; não são conhecidos outros dados sobre sua vida.

<sup>22</sup> Ver Gelb, 1962, op.cit., p. 362.

<sup>23</sup> No manuscrito da peça, Gertie Vose chama-se Emma. Ver Judith E. Barlow. *Final Acts. The creation of Three Late O'Neill Plays*. Athens, University of Georgia Press, 1985.

<sup>24</sup> Ver Winifried L.Frazer. *E.G. and E.G.O.* Gainesville, University Presses of Florida, 1974.

<sup>25</sup> "I have grown to love Hutchins. He is a peach".

<sup>26</sup> Ver Pietro Ferrua, 2005, op. cit..

<sup>27</sup> Ver nota 14.

<sup>28</sup> Ver "The Visit of Malatesta", in Eugene O'Neill. *The Unfinished Plays*. Edited and annotated by Virginia Floyd. New York, Continuum, 1988, n.8, pp. xxviii-213.

<sup>29</sup> Carta de junho, da Califórnia, na página 179 de "Love and Admiration and Respect", in *The O'Neill Commins Correspondence*. Dorothy Commins (org). Durham, Duke University Press, 1986.

<sup>30</sup> "Or any book of Emma's".

<sup>31</sup> "I might have one of my characters in the Cycle dope out for himself an ideal society which would be similar to Anarchism or Syndicalism."

RESUMO

*O artigo percorre existências que descrevem encontros com o dramaturgo Eugene O'Neill, numa cartografia que investe no olhar histórico que se dirige à invenção de relações livres.*

*Palavras-chave: Teatro, anarquismo, Eugene O'Neill.*

ABSTRACT

*The article deals with existences that describe encounters with the play writer Eugene O'Neill in a cartography that invests in the historical perspective that aims at inventing free relations.*

*Keywords: Friends, theatre, anarchism, Eugene O'Neill.*

*Recebido para publicação em 4 de julho de 2005 e confirmado em 28 de agosto de 2005.*